

O REGISTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO

REPRESENTA UM DOS DOCUMENTOS DE MAIOR ALCANCE

ELABORADO PELO GOVERNO E TRAZIDO

À APRECIACÃO DA ASSEMBLEIA NACIONAL

— AFIRMOU UM DEPUTADO

Estando presentes 73 deputados, reuniu-se ontem de novo o plenário da Assembleia Nacional, para continuar a discussão, na generalidade, da proposta de lei sobre Registo Nacional de Identificação.

Presidiu à sessão o eng. Amaral Neto, secretariado pelos drs. Serras Pereira e Amílcar Mesquita.

Entre o expediente, encontravam-se exemplares das Actas da Câmara Corporativa inserindo o parecer sobre a Lei de Meios para 1973.

O deputado Sá Carneiro agradeceu os votos de pesar pelo desgosto pela morte de seu irmão.

O deputado Valente Sanches enviou para a Mesa um requerimento pedindo elementos sobre previdência social.

Seguiu-se no uso da palavra a deputada D. Luzia Beija, que exprimiu o regozijo causado no distrito de Setúbal pela publicação do decreto que adjudica a construção da nova rede de auto-estradas, no qual se encontram incluídos os troços Fogueteiro-Setúbal e acesso ao novo

Aeroporto Internacional de Rio Frio. E acrescentou: «Ambos são essenciais para atingir as metas de desenvolvimento que este distrito se propõe e, no Governo de Marcelo Caetano, atento sempre aos anseios

(Continua na 5.ª página)

NA ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da 1.ª pág.)

da sua população, tem encontrado possibilidades de realização que há pouco ainda mal ousávamos sonhar.»

Falou depois o deputado **Miller Guerra**, que se referiu à amizade e o apreço às qualidades de homem e de político do dr. Melo e Castro, que tanta influência exerceu no orador para se candidatar a deputado. E afirmou:

«O ponto para que pretendo chamar a atenção, sobressai na sua intervenção de 1950, ao comentar «o plano geral da organização hospitalar», mas foi nos anos seguintes, designadamente como subsecretário

de Estado, que deu rigor às suas concepções dos serviços médicos, hospitalares e médico-sociais. Com a convicção e a tenacidade que punha em tudo quanto lhe parecia útil e justo, defendeu a coordenação da Saúde com a Previdência, como os factos impunham e a lógica pedia. Durante os quatro anos de Governo não se cansou de tentar persuadir quem tinha o poder de decisão e de comando, das vantagens de tal medida. Conquistou numerosos adeptos, médicos, administradores, professores universitários, alguns homens públicos, mas os detentores do poder, resistiram pertinazmente e, como é de esperar, venceram.»

do-V. Ex.^a falar, teremos ensejo de prolongar este diálogo tão agradável.

VISITA DO CHEFE DO ESTADO À MADEIRA

O deputado **Eleutério de Aguiar** falou da visita do sr. Almirante **Américo Tomás**, onde inaugurou importantes empreendimentos nos sectores do turismo e da habitação social. Referiu-se à inauguração de um bairro residencial de 41 fogos, incluindo edifício escolar e respectiva cantina, e aludiu ao regime deficitário hospitalar.

Encerrando este período da sessão, falou o deputado **Pinto Castelo Branco**, que fez várias considerações sobre auto-estradas.

NA ORDEM DO DIA

Na ordem do dia, subiram à tribuna dois deputados: **Alberto de Alarcão** e **Correia da Cunha**.

Depois de judiciosas considerações, o primeiro orador deu a sua aprovação, na generalidade, à proposta em discussão. O segundo interveniente declarou ter para si que a proposta de lei n.º 23/X, que institucionaliza o registo nacional de identificação representa um dos documentos de maior alcance, elaborado pelo Governo.

Os trabalhos continuam hoje, com a mesma ordem do dia: discussão da proposta de lei sobre Registo Nacional de Identificação, na generalidade, e na especialidade, em parte.

Vivo diálogo entre o orador e o deputado Casal Ribeiro

A certa altura do seu discurso, o orador foi interrompido pelo deputado **Casal Ribeiro**, que principiou por declarar:

«Eu realmente não fazia tenção de intervir, porque V. Ex.^a está a prestar homenagem a um colega nosso que faleceu, e que toda a gente, todos os colegas nossos, seja qual for a sua forma de pensamento lamentam, porque era uma pessoa que realmente serviu o País, em várias circunstâncias, e consequentemente, digno de todo o respeito e de toda a consideração e até saudade; mesmo até por parte daqueles que não tinham, como no caso de V. Ex.^a, laços de amizade.

Mas parece-me, apesar de não querer prolongar demasiadamente a minha intervenção, que V. Ex.^a está a aproveitar uma circunstância de luto para a Assembleia Nacional, para fazer uma série de afirmações que realmente mereceriam uma resposta diferente daquela que eu estou dando.

Vozes — Apoiado! Muito bem!

O sr. **Casal Ribeiro** — Portanto, faço tenção de responder a V. Ex.^a, o mais breve possível; queria em todo o caso, dizer isto:

V. Ex.^a falou no falso conceito de liberdade. E eu pergunto o seguinte: V. Ex.^a quer mais liberdade do que aquela que nós vivemos neste momento, quando se permite, por exemplo, a saída de um livro ignóbil, chamado «Disossauro Excelentíssimo»?

V. Ex.^a quer mais liberdade do que aquela que se passa por exemplo, em Moçambique, quando se publica um livro de um advogado muito conhecido naquela provincia em guerra, em que se fazem afirmações ofensivas à dignidade do sr. Presidente do Conselho e do sr. Presidente da República?

O livro parece que está apreendido, mas não está apreendido o autor!

V. Ex.^a quer mais liberdade ainda, sr. deputado?

Vozes — Muito bem!

O Orador — Sr. Casal Ribeiro tenho pena de o momento ser o de prestar homenagem a um deputado meu amigo...

O sr. **Casal Ribeiro** — Poi eu também!

O Orador — Pois eu desejava responder a V. Ex.^a... Digo apenas duas palavras: Em primeiro lugar, V. Ex.^a insinuou que eu estava aproveitando uma circunstância solene...

O sr. **Casal Ribeiro** — Desculpe, sr. deputado, não insinuei, afirmei.

O Orador — Afirmou?

O sr. **Casal Ribeiro** — Afirmou! Afirmou!

O Orador — Afirmou! Ainda pior! Pois afirmou que eu estava servindo-me da circunstância de es-

tar prestando a homenagem a um amigo e a um deputado, que foi um servidor da Nação, como V. Ex.^a disse, para dizer, não sei o quê... enfim... que V. Ex.^a entende não estar certo.

O sr. **Casal Ribeiro** — V. Ex.^a não sabe o que estava a dizer mas eu sei, sr. deputado.

O Orador — Não é isso! Não é isso sr. deputado! Sei o que digo!

O sr. **Duarte do Amarel** — Não é só o sr. deputado Casal Ribeiro que entende que não está certo, há mais pessoas aqui na Câmara...

O Orador — Dá-me licença? Se vamos nesse tom, então respondo!

O sr. **Casal Ribeiro** — É uma ameaça, sr. deputado? É uma ameaça?

O Orador — É, é!

O sr. **Casal Ribeiro** — O sr. não me ameace, que eu não tenho medo! Nunca tive medo nenhum de ameaças!

O Orador — Ora então vamos lá sr. Casal Ribeiro. O sr. falou em liberdade, não foi?

O sr. **Casal Ribeiro** — Pois foi.

O Orador — E lamentou que um livro chamado «Dinossauro» tenha circulado, não é verdade?

O sr. **Casal Ribeiro** — É, é!

O Orador — Eu, por mim, tomara que houvesse muitos «Dinossauros» e muitos livros que circulassem livremente, que o espírito português não estivesse amordaçado como tem sido há tanto tempo com uma censura que tem, inclusivamente, apreendido livros de deputados!

O sr. **Casal Ribeiro** — Mesmo quando se insulta a memória duma pessoa que serviu a Nação? V. Ex.^a acha bem?

O Orador — Sim, senhor. Em segundo lugar, V. Ex.^a diz que há muita liberdade.

O sr. **Cunha Araújo** — É uma forma de fazer sucesso, isso de falar em liberdade!

O sr. **Casal Ribeiro** — Eu não disse que havia muita liberdade.

O Orador — Não? Bom! Então há pouca.

O sr. **Casal Ribeiro** — Disse que havia a suficiente para estas publicações.

O Orador — Então, se há pouca, estamos de acordo.

O sr. **Casal Ribeiro** — Não me parece que haja assim tão pouca, mas não haverá possivelmente tanta quanta V. Ex.^a queria.

O Orador — É verdade. E também não há tão pouca como V. Ex.^a desejava.

O sr. **Casal Ribeiro** — V. Ex.^a ainda se há-de arrepender, tanto como eu das liberdades que por aí andam.

O Orador — Bem, sr. deputado Casal Ribeiro, noutra ocasião, quan-